



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



BOAS FESTAS

LEITORES, que este Natal, de mil nove e trinta e três, traga a todos os bebés alegria excepcional!...

Que Jesus e o Pai-Natal não se esqueçam de nenhum, a todos dando presentes; pondo em vossos sapatinhos um brinquedo, ao menos um!

São os votos mais ardentes dos vossos três amiguinhos, do «Pim», da «Pam» e do «Pum».

A IDÉA DOS PARDAIS

CONTO DO NATAL

Por VIRGINA LOPES DE MENDONÇA

O velho pardal, chefe do bando da pardalada que vivia em cima do telhado da ermida e nas árvores do adro, com a cabeça enterrada nas penas do peito e o olho preto muito aberto, pôs-se de atalaia.

A sua experiência da vida, dizia-lhe que aquela noite não era igual às outras.

Num tilintar de notas alegres, os sinos da ermida haviam badalado.

O António, sacristão, andara numa azáfama, varrendo, espanejando e acarretando flores para os altares.

Isso tudo éle observara, nessa tardinha, enquanto os pardalicos, levianos, e fúteis, numa chilreada ensurdecadora, conversavam, trocando impressões sobre as peripécias do dia. Depois, armaram-se vários conflitos e até éle tivera de meter na ordem os netos e bisnetos, castigando-os à bicada, porque os irreverentes queriam ocupar os lugares mais cómodos, sem respeito pelos velhotes que, de penas arrepiadas, tremiam de frio.

Chegado o inverno, era sempre a mesma história!

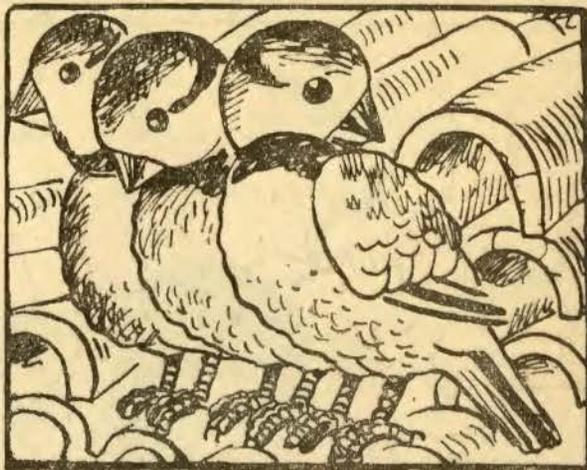
Por fim, lá se aconchegaram todos, bem juntinhos, à procura do calor que lhes faltava.

Quando os companheiros sossegaram, os sinos mais uma vez repicaram alegremente, e parece que, lá no céu, as estrelinhas luminosas, ao ouvi-los, brilharam mais cintilantes e lindas!

O pardal velho estava pasmado!...
Agora, avis-

tava, pela estrada adiante, ranchos de gente que vinham da aldeia e se encaminhavam para a ermida.

Cousa estranha sucedia, decerto!



Já tarde, sentiu um movimento desusado na igreja.

Não se conteve e tratou de chamar os outros pardais, não fôsem éles perder espectáculo tão inesperado!

Tirou o bico debaixo da asa, e pipiou, triunfante: — Natal! Natal!

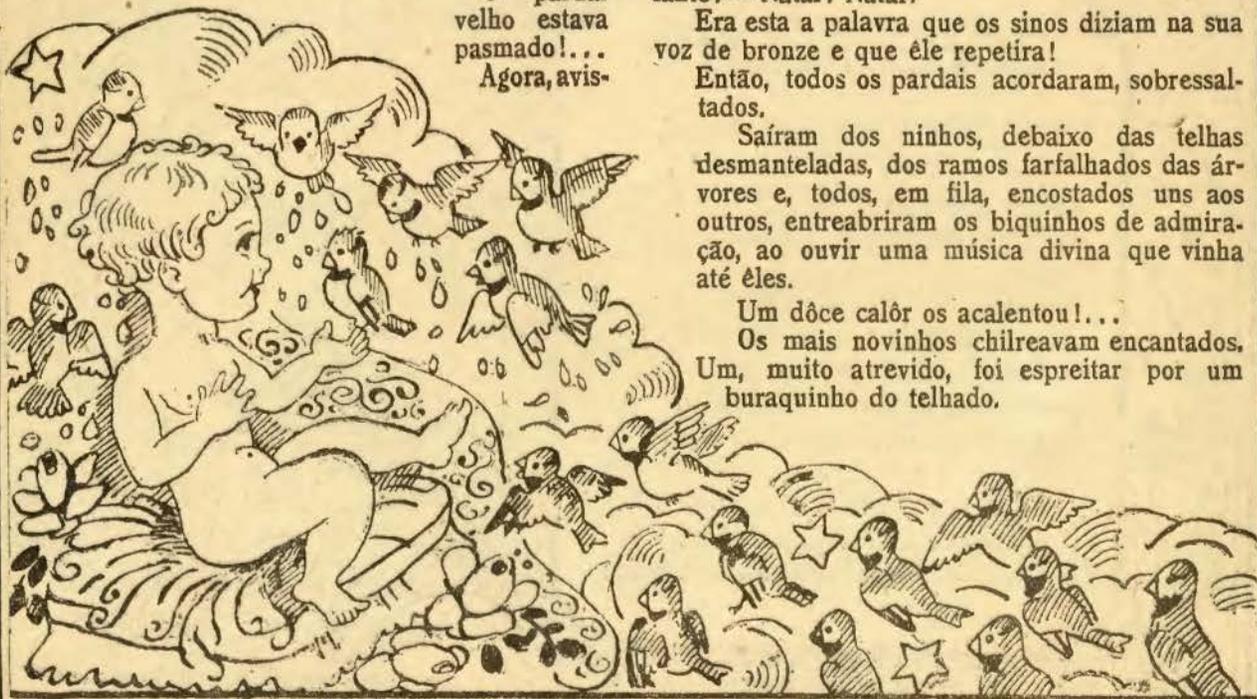
Era esta a palavra que os sinos diziam na sua voz de bronze e que éle repetira!

Então, todos os pardais acordaram, sobressaltados.

Saíram dos ninhos, debaixo das telhas desmanteladas, dos ramos farfalhados das árvores e, todos, em fila, encostados uns aos outros, entreabriram os biquinhos de admiração, ao ouvir uma música divina que vinha até éles.

Um doce calor os acalentou!...

Os mais novinhos chilreavam encantados. Um, muito atrevido, foi espreitar por um buraco do telhado.



CARTA DO BÉBÉ

Por FRANCISCO VENTURA
Ao Menino GARLOS DE LEMOS

MAIZINHA do coração
Escrevo-te, muito triste,
Para pedir-te perdão...
Pois eu, ontem, lá na aula,
Não soube a minha lição.

Não foi por não estudar,
Não foi, não foi, mamãzinha;
Que eu estudei, podes crer!
Tanto que até fez doer
Minha pobre cabecinha,
Como foi, não sei dizer!

Quando o senhor professor
Me chamou para a lição,
Não tive nenhum terrôr,
Podes crer, não tive, não;
Pois tinha, quási, a certeza
Que não me apanhava em vão.

Mas éle perguntou coisas
Que o menino não sabia...
E vai, eu, fiquei calado.

E tudo na aula ria.
Fiquei tão envergonhado!



Senti não sei qué no peito
E vontade de chorar;
De bater o meu pézinho
E de me pôr a gritar!
Por certo, par'cia mal,

E Jesus não me daria
Bonitos pelo Natal.

Não chorei; fiquei calado
Mas, ai, tão envergonhado!
Não sei como aquilo foi,
Porque o menino estudou...
Olha, mamã, o Bébé
No seu livrinho pegou,
E leu muito, muito, muito,
muito e nunca se enfadou.

Até houve uma mosquinha
Que, no meu livro, ao pousar
Se pôs a andar,
Ligeirinha,
Como querendo brincar.

— Olha que era engraçadinho!—
Eu puz-me a ver se a apanhava,
Mas ela tanto voava,
Tantas voltas, tantas, dava

(Continua na pág. 6)

Atônito, veio contar a grande festa que havia,
lá em baixo.

A igreja cheia de gente, os altares com muitas
luzinhas e flores; no côro tocavam música, e um
lindo Menino, deitado num berço de palhinhas,
sorría para um boi, uma vaquinha e uns pastores
que o rodeavam.

Era lindo, lindo, o Menino! — pipiava, alvoro-
cado, o pardalico.

Então, cheios de curiosidade, todos os outros
quizeram assistir à grande festa!

Numa algazarra, os pequeninos, ainda sonolen-
tos, teimaram:

— «Minha, mãe deixe-nos ir lá abaixo. E' só
espreitar um bocadinho. Queremos ver o Menino!
Queremos ver o Menino!»

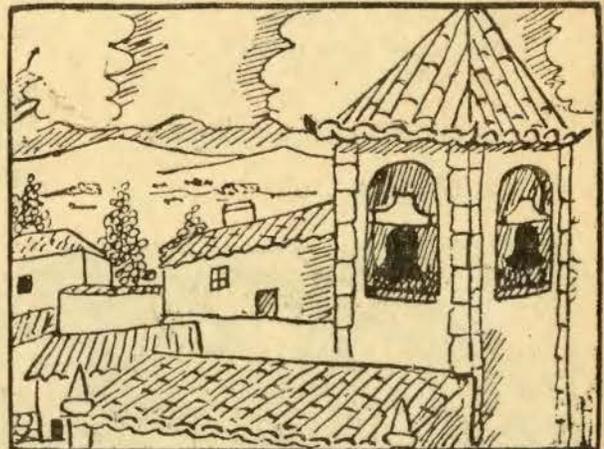
Os pardais, pais de família, reuniram-se em
conselho, para combinar como isso havia de
ser.

Foi o pardal-chefe, mais decidido, que tratou
de organizar um cortejo de pardalada, para entrar
na ermíidinha.

Ele ia à frente, entoando uma melodia de tri-
los alegres que dizia: — «Glória! Glória!...» E
assim entraram por ali dentro.

Os pardalicos, mais novinhos, esvoaçavam meio
tontos, encadeados pelas luzes, mas, depois, mais
afoitos, vieram cair sôbre o corpinho côr de rosa
do Menino.

Os outros, num bater lento de ásas, assim sus-
pensos no ar, fizeram uma abóbada de penas que
O cobria.



Acompanhando o repicar dos sinos, que agora
badalavam com toda a força, todos os pardais,
uniram as suas vozes e, num côro de chilreios
festivos, saüdaram o nascimento do Menino Deus,
ante o pasmo da gente da aldeia que olhava, em-
basbacada, o caso maravilhoso!

Seria, daí, que os pardais vivem uma vida mais
fácil que as outras aves, pois não mourejam pelo
pão de cada dia?

A esta pergunta só poderá responder o Me-
nino Jesus.

■ F I M ■

O Natal dos Pá

• Por • Laur

ERA uma vez um pinheiro,
muito forte e altaneiro,
todo cheio de pinhas,
onde, à tarde, as andorinhas,
quando seguiam viagem
faziam longa paragem.
Uma delas, certo dia,
— dia de sol, de alegria, —
pôs-se a falar ao pinheiro:
— Salve-o Deus, meu hospedeiro!
Vou contar-lhe a novidade
que hoje vi lá na cidade,
numa loja de bonitos,
Uns pinheiros pequenitos
com a rama carregada
de tamanha bonecada
e tantas luzes, tão belas,
brilhando como as estrelas!

Ouvi dizer a um pardal
que os pinheiros no Natal
(mas só na casa dos ricos)
têm cobertos os picos
de doces, bonecos, flôres,
luzinhas de várias côres
que são, na noite sagrada,
o encanto da pequenada.
Mas o que mais me agradou,
o que mais me deslumbrou,
foi como tudo luzia!
Até mesmo parecia
que sôbre cada ramada
despontava a madrugada!

E mais não disse a andorinha.

Caía, branda, a noitinha...

O sol fôra-se deitar...
Já a lua a despontar,
se mirava, além, no rio,
quando um sussurro se ouviu,
mais que um sussurro, uns ber-
reiros!

E' que os meninos pinheiros,
aqueles que ainda estão
muito pertinho do chão,
num chorar desabalado,
pediam em alto braço:

— O avôzinho Pinhal,
hoje é noite de Natal
e ficou-nos de memória
essa tão bonita história
que a andorinha vos contou.
Nós pedimos, meu avô,
uma linda árvore assim!



Pinheirinhos ra-Chaves.



trouxe aos homens, de bem-estar,
todo o mundo há-de gozar.
Os pinheirinhos da serra,
também hão-de ter, na terra,
o seu dia de Natal.
Voltai, pois, para o pinhal...

Foi uma noite de frio!
Que de geada caiu!...
Mas, quando chegou a hora
da escuridão se ir embora
e raiou no arrebol,
lá ao longe, a luz do sol,
viu-se, então, o tal pinheiro,
que era forte e altaneiro,
cobertinho de geada,
onde a luz da madrugada
acendia, em mil fulgores,
estrêlas de muitas côres!

Avô, não seja ruím!
Tenha dó dos seus meninos
que, também, são pequeninos!

E nunca mais se calaram,
tôda a noite rabujaram...
O vento que tal ouviu,
foi combinar com o frio,
o que haviam de fazer
para bem satisfazer
o seu desejo tão lindo!

Subiram ao céu infindo,
e lá, no reino da luz,
foram contar a Jesus
êsse caso comovente.

Jesus disse docemente:
— Tudo o que o meu nascimento,
minha vida e meu tormento,

≡ FIM ≡



CARTA DO BÉBÉ

(Continuação do pagina 3)

Que, por fim, já cansadinho,
Tive que a deixar voar
Sem eu mais a incomodar.

Peguei, de novo, no livro
Mas—(lembrei-me)—os meus sol-
dados

Tinham ficado espalhados...

Pois, nesse dia, eu andara
Com eles a batalhar,

Sem parar,
E ai os deixara

Espalhados pelo chão.

Corri, então, a arrumá-los

Mas eles eram tão belos

Que eu, ao vê-los,

Já não pude mais parar.

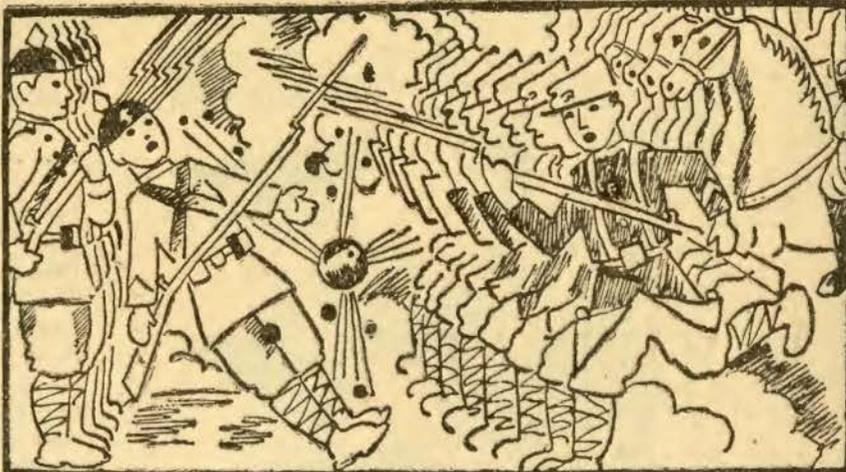
Pu-los, logo, a batalhar.

Correram uns para os outros,
E soaram, sem demoras,
Os tiros das espingardas,
Canhões e metralhadoras.

Houve gritos,
Ais allitos,

Numa enorme confusão,
Destruuiu-se uma cidade
Com granadas de avião.

Foi uma enorme batalha
A qual fez mortos a rodos.



Houve narizes rachados,
Pernas e braços quebrados;
Mas por fim

Guardei os soldados todos,
Metendo-os dentro da caixa,
E indo estudar a lição.

Nisto, aparece o Toneca
Com bolinhas de sabão,
E eu fui para junto dele;
Pois gosto muito de ver
Os balões a encher, a encher...

Fizemos balões bonitos,
De todas, todas as côres,
O Toneca é que fazia
Os mais lindos e os maiores!

Nisto, chegou a noitinha...
Quando quiz ir estudar,
Ouvi dizer à criada
Que eram horas de deitar...
Ainda peguei no livro!...
Quando ela buscar-me veio,
Tinha lido três palavras,
A quarta deixei-a em meio,

Já vês, pois, minha maçinha,
Que eu estudei a lição.
Se eu a não soube, não foi
Por minha culpa, pois não?
Mas deixa, que inda hei-de dar
Uma lição de pasmar
Verás, verás! Tenho fé.

Recebe um chi-coração
Do teu querido

Bébé.

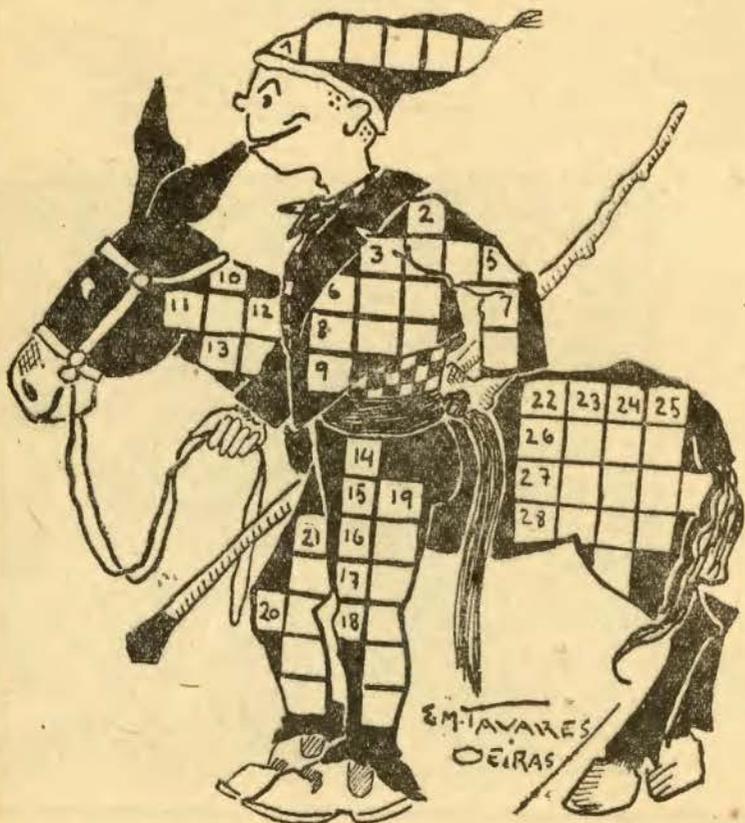


Palavras Cruzadas

O ZÉ PACÓVIO

HORISONTAIS: — 1. Jornal português; 2. Consoante; 3. Cidade da Arábia; 6. Grande porção de água salgada; 7. Consoante; 8. Educador; 9. Consoante; 10. Consoante; 11. Cidade espanhola; 13. atmosfera; 14. Consoante; 15. verbo ser; 16. Lettas da palavra (rato); 17. Parte do corpo humano; 18. Suspiro; 20. Rio Italiano; 21. Vogal; 22. Capital europeia; 26. Terra portuguesa (villa); 27. Antigo rei da Pérsia; 28. Licença para sair do hospital.

VERTICAIS: — 2. Imperador romano; 3. Pessoa de família; 5. Moeda de Macau; 6. Aquilo que prejudica; 10. Caminho; 11. Consoante; 12. Pôr-se em movimento dum lugar para outro; 14. Vila alentejana; 18. Nome d'homem; 21. Cidade portuguesa (Alentejo); 22. Peça de forma circular; 23. Com a forma d'ovo; 24. Planeta; 25. Cantiga.



CHARADAS EM FRASE

Aqui está a filha do meu filho com um instrumento de escrita. 1-2.

A acusada em seu cenário figura neste magazine. 1-2.

Este apelido dito em plena manhã tem suavidade musical. 2-2.

Esta vogal em luta com esta nota de musica faz-me reconhecido. 1-2-1.

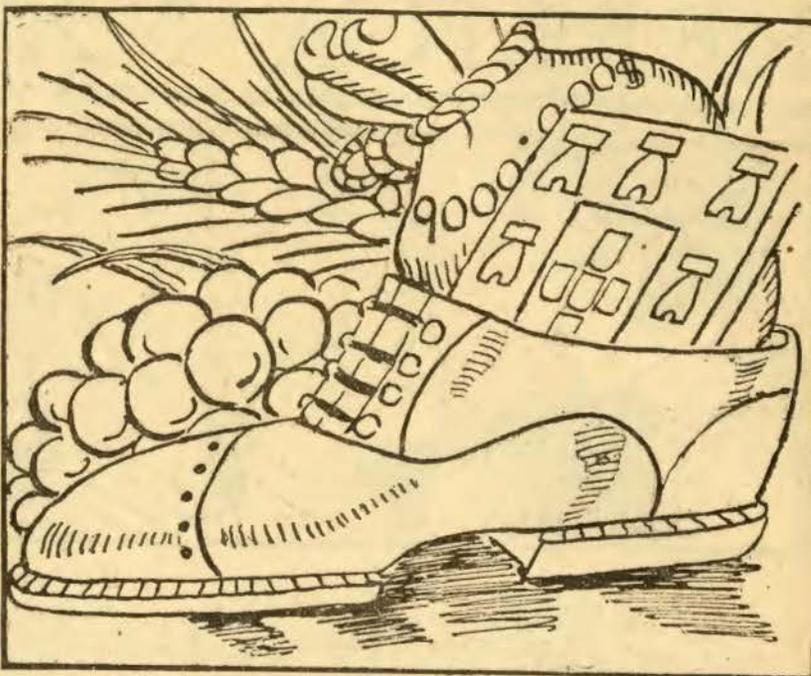
A fisionomia deste homem é bastante doce. 2-2.

O colorido desta banheira é igual ao desta bambineta. 1-2.

Solução das anteriores: I—Sapo. II—Ramaria. III—Maganão. IV—Solar. V—Artelharia.

Solução das adivinhas anteriores: Lama-alma. Raul-luar. Aroma-amora.

PARA OS MENINOS COLORIREM



ADIVINHA



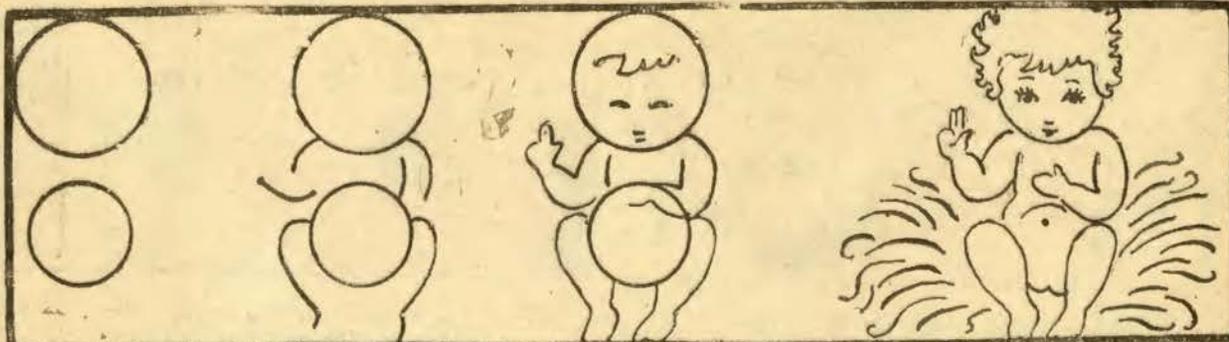
Meus meninos:—O menino que estão vendo, tem 2 companheiros com quem joga o «Foot-ball». Vejam se os descobrem.

CHARADAS COMBINADAS

- | | | |
|------------------------|-------------------------|--------------------------|
| + sa — Moradia | + la — Gôma | + te — Ponto cardeal |
| + xa — Legado | + da — Costume | + que — depósito de água |
| + ta — Animal roedor | + do — Pedra de jôgo | + la — tecido |
| Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel |
| + lo — Estampilha | + no — Espaço de tempo | + ma — Espingarda |
| + do — Oração | + to — Ave doméstica | + la — Baú |
| + co — Páu de bilhar | + to — Animal doméstico | + ta — Nome |
| + o — corrente de agua | + so — Costas | + co — Vazio |
| + la — fila | Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel |
| + Iro — Ave | + da — Lado | + ima — Brandura |
| + pato — Calçado | + la — Gôma | + la — Baú |
| Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel | Conceito: — Móvel |

Solução das anteriores: I—Cabrito. II—Hiena. III—Papagaio. IV—Macaco. V—Cavalo. VI—Veado.

LIÇÃO DE DESENHO

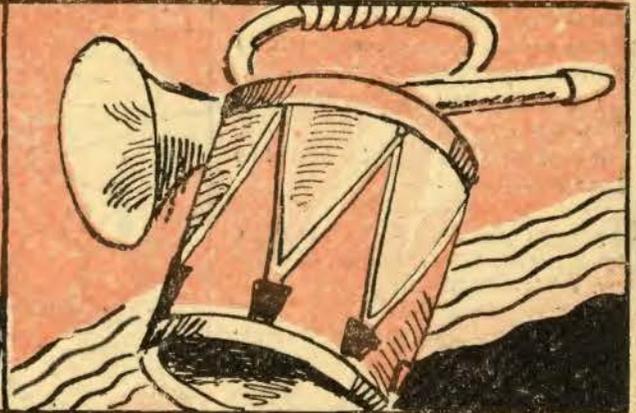


Como se desenha um Menino nas palhinhas

RÉPLICA NATURAL



I — Há dias, um pequenino
à Mãisinha, disse assim:
— «Já pedi ao Deus-Menino
um tambôr e um cornetim.



II — Muito embora inda não tenha
nem cornetim nem tambôr,
fazendo bulha tamanha,
já se crê deles senhor.



III — Evoca as marchas de guerra,
corre, dá ordens e, enfim,
finge tocar, grita, berra,
num formidável chinfrim.



IV — Desvanecido, idealisa
o toque de amanhecer!...
Do que êle, apenas, precisa
é da cornêta a valer.



V — Nisto, aflita, diz-lhe a Mãi:
— «Terás tambôr, cornetim...
Mas, meu filhinho, ouve bem,
não hás-de fazer chinfrim!»



VI — Tal ouvindo, o pequenino
volve à Mãi, em doce entono:
— «Então, peço ao Deus-Menino
que me dê antes um môno!»